

BULHÕES, Nice. Mapa revela relação entre analfabetos e renda familiar: em Campinas, nos domicílios com renda menor que um salário mínimo, índice é de 14,6%. *Correio Popular*, Campinas, 15 jun. 2003.

Mapa revela relação entre analfabetos e renda familiar

Em Campinas, nos domicílios com renda menor que um salário mínimo, índice é de 14,6%

NICEBULHÕES

Da Agência Anhangüera
nice@rac.com.br

DOMINIQUE TORQUATO/AAN

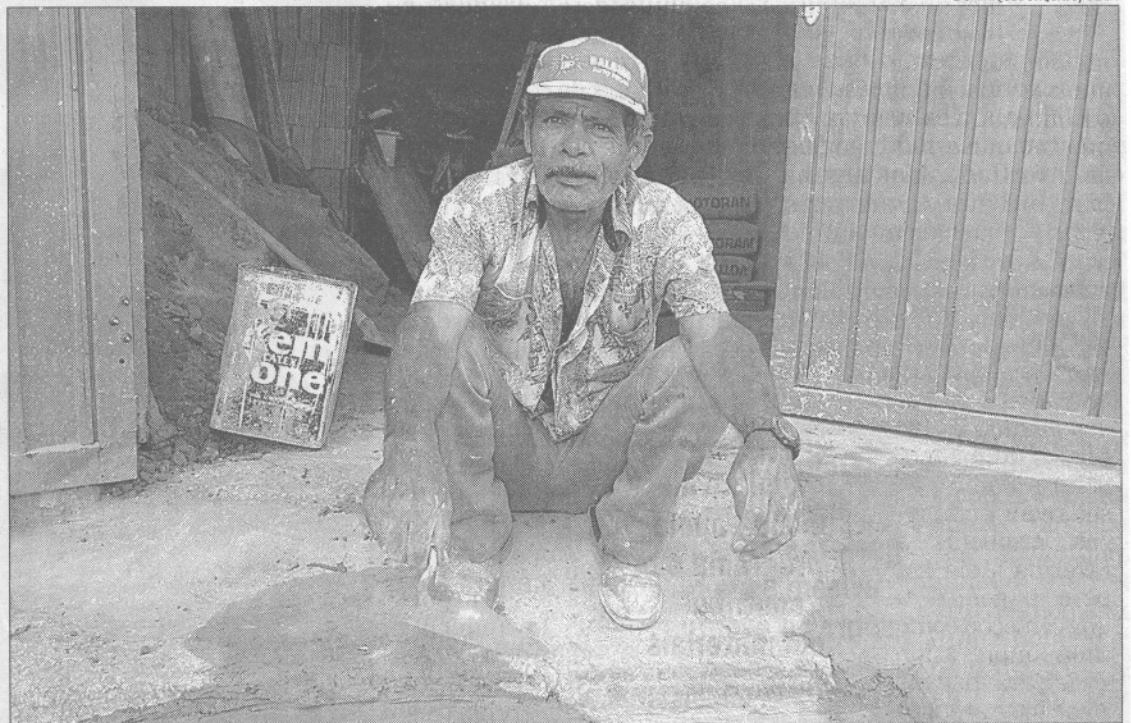
“**E**u e minha esposa somos analfabetos de nascença”. A frase é do pedreiro José Tomás da Silva, de 56 anos. Nordestino que escolheu Campinas para morar há quase dez anos, Silva foi criado na roça “como bicho bruto”. Nunca foi à escola. “Mas trabalhei com dor, debaixo de sol e chuva, de dia e de noite, para dar saber aos meus nove filhos. Só um ficou estacionado porque é doente da cabeça. Fico demais orgulhoso ao saber que eles sabem ler e escrever. Só assim arranjarão um emprego melhor para ganhar mais.”

Dados do “Mapa do Analfabetismo no Brasil”, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), revela que a preocupação de Silva em dar estudo aos filhos, visando aumentar o rendimento da família, tem fundamen-

Dar estudo aos filhos é a principal preocupação de quem não sabe ler

to. Isso porque, de acordo com o Inep, as taxas de analfabetismo estão diretamente relacionadas à renda familiar. Hoje, em Campinas, nos domicílios que possuem renda superior a 10 salários mínimos, o índice de analfabetismo é de 1,5%, enquanto que nas famílias com renda inferior a um salário mínimo (R\$ 240,00) é de 14,6%.

Silva, com os “bicos” que realiza, chega a ganhar



O pedreiro José Tomás da Silva, de 56 anos, define-se como um “analfabeto de nascença”

R\$ 300,00, em média, por mês. Nas casas onde a renda familiar está acima de um e vai até três salários mínimos, o índice de analfabetismo chega a 11%. Para a secretária municipal de Educação, Corinta Maria Grisolia Geraldi, o índice de analfabetismo nos domicílios com renda de um salário mínimo deve ser ainda maior, já que não são computados os analfabetos funcionais, que, segundo conceito do Inep, são pessoas com menos de quatro anos de estudo.

“O Índice de Desenvolvi-

mento Humano (IDH) de Campinas é alto (0,852) porque trabalha com a média e, com isso, mascara o grau de desigualdade”, disse Corinta. “As chances de um analfabeto conseguir um emprego são reduzidas e, consequentemente, sua renda é pequena”, avaliou a secretária. Para o presidente do Inep, Otaviano Helene, “a própria escola do pobre tem menos recurso do que a de um rico”.

“Eu já perdi a chance de passar de pedreiro para encarregado de obras e até de ser almoxarife porque não sabia ler e escrever. Por isso, resolvi correr e procurar uma escola”, diz o pedreiro José Félix Pinto, de 28 anos. Ele frequenta uma

das salas do projeto de alfabetização de jovens e adultos do Sindicato dos Trabalhadores em Indústrias da Construção Civil. A coordenadora do projeto, Mariana Semião de Lima, disse que este ano a iniciativa completa 10 anos e é aberto ao público. “Mais de 3 mil pessoas passaram pelo curso.” O projeto do Sindicato é iniciar novas turmas de alfabetizando em agosto. Geralmente, as inscrições acontecem no início do ano. A reabertura será no próximo mês. Os interessados podem obter mais informações, a partir das 17h, no sindicato, que fica na Rua Barão de Jaguará, 704, no Centro, ou pelo telefone (19) 3232-5074.